

Editorial

<https://doi.org/10.22395/csye.v9n18a1>

Ciencias Sociales y Educación é uma revista científica de caráter acadêmico no âmbito universitário latino-americano. Pode-se afirmar que desde a sua fundação ela tem proporcionado um espaço de debate sobre os resultados dos processos de escrita expressos em artigos científicos. Diferentes disciplinas, com seus cruzamentos inter e transdisciplinares, têm caracterizado as modalidades enunciativas dos autores em seus textos, os quais abrangem o espectro epistemológico do campo das ciências sociais e humanas. Em seu 18º número, a revista traz nove artigos de pesquisa, 6 traduções e 2 resenhas. Como proposta gráfica, resgata-se a obra do cartunista francês J. J. Grandville (1803-1847). Em sua proposta artística, Grandville expõe o que o movimento surrealista propôs como uma subversão estética das formas de ver e sentir a realidade ao projetá-la em um jogo de realidades alucinadas do poder do subconsciente, onde fragmentos e sátiras mostram um mundo ao contrário.

O primeiro artigo, intitulado “A imprensa satírica de Bogotá em um contexto sul-americano do final do século XIX”, de Silvina Sosa Vota, desenvolve uma reflexão sobre a imprensa satírica colombiana do século XIX e destaca as particularidades e semelhanças com outras publicações da mesma natureza na América do Sul. Sendo assim, mostra-se a importância desse tipo de publicação para o conhecimento do passado. O segundo texto é de Dióny Cecilia Rivas Armas e Ismenia de Lourdes Mercerón, intitulado “Práticas parentais, legado cultural afro-descendente. Narrativas de mulheres afro-venezuelanas”. Este artigo chama a atenção por sua ênfase argumentativa que constitui uma contribuição para a compreensão da história das relações de parentesco na América Latina. Nesse sentido, mostra-se como as criadeiras ou amas de leite foram responsáveis, durante o período de colonização e escravidão em Abya Yala – nome dado à América pelo povo indígena Guna – e no Caribe, pelo cuidado e pela criação dos filhos e filhas dos senhores. Esse fenômeno tem sido denominado na antropologia como *forclusão*, conceito da psicanálise lacaniana que se caracteriza pela inserção da mulher negra, na criação, em um processo de ausência do significante no discurso branco, típico de um contexto de colonialidade do poder materializado em corpos racializados em constante hibridização cultural.

Posteriormente, o artigo “A voz das mulheres nas guerras pela Independência da Colômbia: do anonimato às reivindicações” de Roger Pita Pico. Na mesma linha do artigo anterior, este artigo constitui uma contribuição para a história das mulheres na Colômbia, abordando a participação delas no processo bélico

e político de independência de uma colônia espanhola. O quarto artigo é de Erinaldo Cavalcanti e intitula-se “A formação docente inicial do professor de História no Brasil: temas, reflexões e desafios”. Este artigo mostra que a implementação do livro de história na formação de professores do ensino fundamental e médio no Brasil ainda é válida. Nesse sentido, enfatiza a importância do debate sobre o ensino de uma história descolonizada para que os modelos pedagógicos eurocêntricos que reproduzem uma lógica de uma história única não tenham continuidade. Éder Alexander García Dussán, em seu artigo “Produção social de corpos, divisões sociais e marginalização no desenvolvimento urbano da cidade de Bogotá”, questiona uma educação estética (*aisthesis*) que clama pela corporalidade nos processos pedagógicos da cidade de Bogotá (Colômbia), o que permite que as diversas condições para a produção social dos corpos e das dinâmicas de marginalização inerentes à modernidade sejam visibilizadas. O sexto artigo, escrito por Joan Manuel Madrid Hincapié e intitulado “Pensamento crítico? Nem um nem outro”, expõe uma reflexão sobre uma das responsabilidades do corpo docente na Colômbia para contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico (contemplado na Lei Geral de Educação 115 de 1994), que tem a promoção e motivação da leitura e a escrita como máquina de guerra. O artigo “Uma infância feliz. Fragmento da vida do poeta colombiano Raúl Gómez Jattin”, de María Carmenza Hoyos Londoño, centra-se na análise da poesia de Raúl Gómez Jattin a partir da sua obra e vida contextualizada, o que nos permite ver nos seus poemas o reflexo de um compromisso existencial, que tem na infância um espaço de expressão das marcas deixadas pela experiência poética. Andrea Marcela Mahecha e Jonathan David Varela continuam com o artigo “Violência contra outras formas de ser mulher e de ser homem”. Nesse texto, os autores investigam as novas feminilidades e masculinidades que emergem em uma instituição educacional da cidade de Usme, em Bogotá, em que surgem diferentes tipos de violência contra essas subjetividades, motivadas por um padrão heteronormativo, tornando a diversidade o epicentro das ações sociais de ódio e incompreensão. Por fim, o artigo de Rodrigo Pérez Gil, intitulado “A mestiçagem contra o princípio do terceiro excluído”, nos aproxima da obra do filósofo francês Michel Serres. Em sua obra *O terceiro incluído*, Serres nos permite pensar uma estética da diversidade que questiona o imperativo dela mesma ao personificar, em sua presença latente, a anomalia, os *freaks*, os desviados e os monstros. Além disso, o decomposto, o lixo, o desperdício e o prejudicial, constantemente misturados nas disposições heteróclitas da vida, são valorizados.

Seis traduções do francês para o espanhol foram selecionadas para esta edição da revista. As cinco primeiras são de Luis Alfonso Paláu-Castaño e a última de Rodrigo Zapata Cano. Agradecemos a ambos pelo cuidadoso trabalho de traduzir para o sentido de outra língua o senso estético do francês. As duas primeiras traduções, “Sobre a economia libidinal capitalista” e “Sobre o

hipermaterial”, correspondem a entrevistas com Bernard Stiegler, feitas por Philippe Petit e Vincent Bontems, onde ele reflete sobre as características de um mundo capitalista ligado ao libidinal como pulsão que sublima a sexualidade nos objetos de desejo que lhe são próprios e que, num horizonte de hipermaterialidade, é alimentado por um psico-poder presente na servidão voluntária em massa. Ambos os textos constituem uma homenagem a Bernard Stiegler, filósofo da técnica, que chegou a uma reflexão sobre a condição corpórea e protética do humano: o problema da existência de um terceiro reino de memória externalizada que consiste no mundo técnico. Bernard Stiegler morreu em 5 de agosto de 2020 e nasceu em 1 de abril de 1952. As duas traduções a seguir são reflexões de Philippe Pignarre sobre a psicanálise como uma antipsiquiatria e a história da lobotomia. O último “tratamento” foi iniciado pelo neurologista português Egas Moniz (1874-1955) – ganhador do Prêmio Nobel em 1949 pela invenção desta atrocidade – e popularizado em todo o seu paroxismo eugênico pelo neurologista americano Walter Freeman (1895- 1972). A lobotomia consiste na introdução de um estilete (inicialmente era usado um picador de gelo) através da extremidade interna do olho para cortar as conexões nervosas do lobo frontal do cérebro. Depois que Freeman lobotomizou milhares de pessoas com diagnóstico de transtornos psiquiátricos, essa técnica caiu em desuso quando, em 1954, a clorpromazina, o primeiro medicamento com efeitos antipsicóticos, passou a ser usada no tratamento da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos, o que foi visto como uma revolução na psiquiatria. Nesse sentido, a tradução sobre a invenção dos psicotrópicos, também de Philippe Pignarre, relata a constituição e consolidação da indústria farmacêutica na biopsiquiatrização do social. Por fim, a tradução do artigo de Florent Coste sobre a concepção do corpo nas ciências cognitivas retorna ao problema filosófico da encarnação (emboriment, em inglês) para compreender o funcionamento da mente e do conhecimento no entrelaçamento do corpo e do mundo.

A parte final da revista está composta por duas resenhas. Na primeira, Claudia Arcila Rojas faz uma resenha do livro *Cosmos*. Uma ontologia materialista do filósofo francês Michel Onfray. A segunda resenha é sobre a obra do cartunista J. J. Grandville, que ilustra este número da revista *Ciencias Sociales y Educación*, onde podemos observar uma semiose encarnada que se projeta em um gesto estético carregado de ironia satírica sobre o lado cômico da condição humana. Esperamos que este número da revista continue exibindo o ato performático e a teatralidade paródica no espaço das publicações científicas, onde o conhecimento flui como um dos trabalhos surrealistas de Grandville.

Hilderman Cardona-Rodas
Editor